



IGREJA DE KAMIESCH.

Balaklava e Kamiesch, vizinhas de Sebastopol em diversas direcções, são duas povoações e portos importantes, que os alliados, invasores temporarios, regeneraram durante a campanha da Crimea; porquanto, ambas fizeram mais progressos no periodo de alguns mezes do que em todo o seculo antecedente.

Kamiesch pode dizer-se que foi uma cidade improvisada pelas tropas francezas, e convertida n'uma grande feira, onde concorreram mercadores de toda a parte com seus generos e fazendas, que apesar da abundancia sustentaram bom preço. Ainda ha pouco, posto em execução o armistício, preliminar da paz, quando os dous exercitos contendores poderam ter livre communicação, a officialidade e mais praças russas começaram a frequentar Kamiesch e a fazer compras não só de bebidas e alimentos como tambem de toda a casta de objectos, tanto assim que tendo afrouxado muito as vendas algum tempo antes da publicação do armistício, depois d'este subiram logo os preços, e contou-se com a saída das mercadorias, não obstante esperar-se breve a evacuação das tropas alliadas.

Kamiesch foi geralmente construida de casas de madeira, com armações de ferro algumas, e muitas sem ellas; era portanto de temer a frequencia e grande estrago dos incendios; mas havia para isso uma grande policia preventiva, mandando-se apagar as luzes e toda a casta de lume a horas determinadas, obrigando-se os moradores e os donos das lojas a terem junto de suas barracas para o primeiro serviço

grandes cubas sempre cheias de agua, estando vigilantes e promptos os bombeiros; e com estas e outras precauções adequadas, preveniram-se graves danos, e até uma conflagração geral, que a incuria poderia causar, mormente em rasão dos materiaes da construcção, e de se compor de gente de todas as nações e de habitos poucos regulares, a maxima parte dos moradores; accrescendo que os gregos traicociros, adherentes da Russia, ou mesmo emissarios d'esta poderiam durante a guerra lançar de proposito o fogo por odios ou paixões politicas.

Damos o desenho da igreja edificada durante a occupação dos alliados n'este conjuncto de acampamento, grande feira, e porto mercantil.

Outra obra de primeira necessidade para uma população já numerosa se concluiu em 20 de março do anno passado; isto é o aqueducto, em que trabalharam parte do inverno 150 marinheiros francezes por dia, tendo de extensão 563 metros, de base perto de cinco ditos, e cinco exactos na maior altura, e conduzido ao porto de Kamiesch as aguas d'um poço, tiradas por meio de bombas. O serviço, guarda, e conservação dos aparelhos e encanamento ficaram a cargo do director do porto.

Esta creação era tanto mais urgente quanto maior a affluencia de navios mercantes de varias nações, ainda sem contar os vasos de guerra francezes.

Quando uma embarcação de commercio chegava ao porto, o capitão apresentava ao commandante d'este os seus papeis, e achando-se na devida forma obtinha a permissão de entrar. Se vinha a bordo um



negociante ou um sobre carga, que pertendia vender as fazendas por miúdo, requeria ao commandante da praça licença para estabelecer em terra uma tenda ou barraca; o commercio a retalho só era feito em estabelecimentos d'este genero, sendo mui severamente prohibido vender d'essa maneira a bordo. Alcançada a licença, o commerciante dirigia-se ao posto da gendarmaria, e se lhe marcava o logar da tenda; d'ahi por diante o seu negocio era livre.

Na primavera de 1855 já os abarracamentos dos mercadores compunham uma cidade á parte, onde se compravam até os objectos de luxo; e essa povoação tinha ruas com denominações francezas, taes como, da Gloria, do Commercio, de Lourmel, de Napoleão etc; mas, sendo construida em terreno solto, a poeira andava em nuvens bastas no ar, onde redemoinhavam tambem bandos de moscas e outros insectos; o que talvez fosse um dos menores inconvenientes da colonia nascente, porquanto os que a visitavam eram preza da rapacidade dos traficantes. A boa policia ia removendo alguns obstaculos e incommodos, que só o tempo poderia extinguir totalmente.

M.

### O CAVALLO DOMESTICO.

(Continuação.)

Assim como a tromba do elephante, os beiços do cavallo fazem as vezes de mãos, servem-lhe de órgãos do tacto, de instrumento de apprehensão, o que pode observar-se quando come; com os beiços ajunta a cevada ou aveia e enfeixa a herva antes de trincar. Os beiços devem ser delgados, mas rijos e terminados regularmente, os flacidos e pendentés são indicio de frouxidão e velhice, de molleza ou estupidez.

Julga-se, talvez com razão, que a forma do nariz pode fornecer alguns indicios do character; mas, a applicação deste principio ao cavallo é o inverso do que se dá a respeito do nariz no homem. No cavallo, o nariz redondo e bem dividido denota genio pacifico e facil de acomodar, mas de natureza por assim dizer plebeia quer no physico quer no moral: o nariz direito ou da forma grega pode indicar tanto a boa como a má indole, mas é raro que essas qualidades ou defeitos sejam levadas ao excesso. O nariz arrebitado, tratando-se do semblante humano, é geralmente signal de casta, sobretudo se a cabeça é pequena, mas tambem denota as mais das vezes disposição viciosa e incorrigivel. — Os ossos nasaes (diz M. Youalt) indicam de outro modo e com maior certeza a raça dos cavallos por suas dimensões relativas. Não ha cousa que revele mais seguramente um cavallo de raça fina como é a fronte larga e angulosa, feições vivamente accusadas e o nariz curto; os de raça vulgar conhecem-se ao contrario pela fronte acanhada, pouca saliencia dos delineamentos e prolongado nariz. O desenvolvimento relativo da parte superior e da parte inferior da cabeça é indicio quasi infallivel da preponderancia do principio animal ou do principio intellectual. »

Respirando o cavallo só pelo nariz, importa que as aberturas desta cavidade sejam desobstruidas e susceptiveis de dilatação bastante para dar passagem a um volume de ar consideravel quando o animal despede na carreira. As ventas abertas são um signal caracteristico em o cavallo de boa raça, sobretudo quando é, não violentado, mas simplesmente excitado.

Que expressão toma de subito a phisionomia do cavallo de caça, quando ao ouvir a primeira vez os latidos dos cães, arrebita as orelhas, alarga as ventas e aspira o ar rinchando! E o cavallo de batalha que, como diz o poeta, « diffunde o terror com o folego do nariz! »

A anecdotia seguinte, referida por M. Kugler, prova juntamente a sagacidade e fidelidade do cavallo. Um amigo daquelle professor, atravessava um bosque a cavallo, em noite escura, batendo com a cabeça n'um tronco d'arvore, caíu por terra aturdido da violencia da pancada. O cavallo voltou logo á casa donde seu dono partira, e que já estava fechada, achando-se toda a familia a dormir; bateu com o pé d'encontro á porta até que levantando-se um creado veio abrir-a; no mesmo instante fez meia volta, e o homem, curioso de saber o que significava aquella visita, seguiu-o; o intelligente animal guiou-o ao sitio onde o cavalleiro jazia ainda sem sentidos.

Outro facto do mesmo genero e igualmente interessante succedeu em Inglaterra.

A neta de um fazendeiro do Warwickshire brincando á beira de um canal que atravessava a propriedade de seu avô, caíu na agua, e segundo todas as probabilidades ter-se-ia afogado, se um pequeno poney (1) que havia tempo pertencia áquella familia, não atirasse consigo ao canal e trouxesse para terra a creança sã e salva.

M. Jesse conta um exemplo de que o cavallo tem viva percepção do perigo.

Certa pessoa do seu conhecimento passeava a cavallo um dia (era na India ingleza), seguido de um cãozinho de orelhas felpudas (épagneul), companheiro constante do ginete. O cão correu por algum tempo entre as hervas altas, donde saíu uivando e sacudindo a cabeça; o cavallo contra o seu costume, afastou-se do cão, manifestando grande receio de que este lhe chegasse; d'ahi a pouco morreu o cão e viu-se que o mordera na lingua uma cobra venenosa.

(Continua.)

M.

### À DISTINCTA POETISA

D. MARIA C. C. C.

I

Mandaste-me cantar quando eu chorava  
Sósinho e sem conforto  
À beira d'um sepulchro!  
Oh! tu não sabes como é triste a vida  
Para aquelle que vive no abandono!  
Como as horas da noite correm lentas,  
De sombrias imagens povoadas;  
Como o silencio assusta!  
Como n'um coração ermo de affectos  
Còo o pavor da morte  
Quando contempla a solidão que o gela!

II

Oh! tu não sabes como é triste o ermo!  
Flor animada nos vergeis formosos  
Da beira do Mondego,  
Nunca provaste da amargosa taça

(1) Casta de cavallos extremamente pequenos, em geral oriundos das montanhas de Escocia e das ilhas do Norte.



Onde eu tenho bebido.  
Doce orvalho dos ceus na tua fronte  
As rozas da innocencia vivifica;  
E dos teus as caricias extremosas  
Te levarão do berço á sepultura.  
Quando da bella haste em que nasceste  
Palida para a terra te inclinares,  
O amor e a saudade,  
Teu nome repetindo  
Farão chorar por ti o ceu e a terra.

## III

Porem eu vago errante pelo mundo  
Sem norte conhecido;  
Entre lavas e gelos me revolvo,  
Sem que ao menos um echo me responda,  
Quando os hymnos d'angustia  
As cordas de minh'alma despedaçam.  
Oh! perdoa, gentil, mimosa virgem,  
Meus acerbos queixumes;  
As notas da tua voz harmoniosa  
Minha dor mitigaram;  
O acre de meus prantos adoçaste  
Com tua sympathia;  
E para ouvir as tuas harmonias  
Calei os meus gemidos.

## IV

Mas ai! a melodia de teus carmes  
Não pode dar-me vida.  
A minha solidão qual d'antes era,  
Ou mais triste ficou depois de ouvir-te.  
Se volves a cantar... ai! não, não cantes...  
É meiga a tua voz, doce o teu canto,  
Mas o meu coração vive dezerto  
E fervido te amara,  
Se outra vez lhe fallasses de conforto.  
Oh! não é de te amar que temo a culpa.  
Nem os crimes de amor o ceu castiga.  
É que se te eu amasse morrerias,  
Por que a morte vigia os meus affectos  
Para os assassinar inda no berço!

## V

Foge ai! fuge de mim! não me lastimes;  
Pode ser-te funesta a sympathia  
Que minha dor te inspira.  
Eu não sei o que fiz e em que mereço  
O destino fatal que me persegue;  
Mas ai! dos que de mim se compadecem!

## VI

Não sabes como vivo? Entre sepulchros  
Meu pezado horisonte se limita;  
Meus olhos torvos com terror se movem,  
Tristes, embaciados,  
De uma para outra sepultura;  
E se no alvor das campas se desvairam  
Em vão se volvem procurando a vida!

## VII

Tudo em torno de mim respira morte,  
Solidão e silencio!  
Eu cuido ás vezes não ser já do mundo,  
Quando vejo passar tantos fantasmas

De perdidas venturas,  
Converte-se-me o corpo em fria pedra,  
E sinto-me descer a pouco e pouco  
As entranhas da terra;  
Ouço a lousa bater com surdo estrondo,  
E o susurro dos vérmes que se agitam  
Para vir devorar-me!....  
Quando desperto desses pezadellos  
E me vejo na terra solitario,  
Quizera transformar em realidade  
Essa visão da tumba,  
Filha de meus sentidos perturbados!

## VIII

Adeus, pois; o meu canto são gemidos  
Ou dolorosos gritos de agonia...  
Não os queiras ouvir; canta se podes  
Teus hymnos d'esperança;  
Mas não falles de gloria ao muribundo  
Que só a paz dos tumulos deseja.  
Eu nasci para as dores,  
Como as estrellas para o ceu nasceram,  
E para o campo as flores...

1856.

F. G. D'AMORIM.

## ESBOÇOS CRITICOS.

## POETAS PORTUENSES

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

*(Continuação.)*

## III.

O sr. Xavier de Novaes, por um desses caprichos da imaginação que levam muitas vezes a alma do poeta para o passado, e a prostramahi n'uma adoração exclusiva de todas as suas instituições e grandezas, ou por uma dessas convicções profundas que passam inteiras e hereditarias nas familias, como uma religião do sentimento; por qualquer destes motivos ou por outros alheios á natureza da nossa analyse, o sr. Novaes é legitimista.

Talvez nos estranhem que n'uma apreciação, especialmente litteraria, vamos levantar o véu das crenças politicas do homem de letras. Por certo ellas devem de ser para o critico litterario sacrario defeso; e as regiões puras e serenas da poesia manchar-se-hiam se lá tentassemos erguer essas differenças de systemas, essas luctas tremendas e pequenissimas ao mesmo tempo dos credos partidarios, que só cobram alento e se sentam respirando á larga na atmosphera turbulenta e vertiginosa das paixões individuaes.

Mas longe de nós essas idéas.

Não apresentamos o poeta portuense como sectario das tradições da velha monarchia por espirito de censura ao seu character, nem mesmo por que deixemos de respeitar um partido cujas saudades e esperanças, as mais generosas e frementes, voam todas para as incertezas de um exilio.

Essa condição da sua sorte, que torna a perseverança a sua melhor e mais caracteristica virtude, perde que, passando ainda mesmo afastados de seus arraiaes, o saudemos com respeito.

É uma homenagem prestada á integridade dos



partidos, e essa devemos-a, confessamos-a, embora as aspirações e desejos de um futuro de felicidade social nos levem para pontos mui divergentes e façam alentar de intuitos talvez irreconciliáveis.

Mas é que para analysarmos no sr. Novaes o poeta, não podemos deixar de partir do homem politico; porque, quanto a nós, os vãos de um encontramos o impulso, a vida, e por ventura o incitamento nos segredos do coração do outro.

Quem nos assegura realmente que não foram os instinctos de uma imaginação que se compraz em engrandecer as glórias do passado, que vive nos seus sonhos intimos e de mais fervorosa esperança com elle, que se liga, que se identifica a todos os seus elementos por uma allinidade moral, por uma irresistivel sympathia, talvez custosa de explicar como quasi todas as sympathias, mas que cada vez mais se accende e inflamma no seu espirito; quem nos diz a nós que todas estas disposições, influindo no animo do poeta, lhe não exacerbaram os estímulos da sua veia sarcástica, lhe não armaram todas essas tendências de critica, de derisão, de ironia contra uma sociedade que se transformava sob as suas vistas, tão invertida por idéas oppostas aos seus principios e aspirações, tão desmōnada e erguida de novo de baixo de influxos politicos completamente adversos ás suas crenças e a esse apêgo que nos partidarios do regimen absoluto degenera quasi em idolatria do passado? Quem nos assevera que isto não seja assim? Quem nos prova, não que a alma do poeta só creou as suas forças, só ateiou em si o fogo que depois a devia inflammam em formosas irradiações, só recebeu o baptismo da verdadeira poesia nos sentimentos que formam o character do homem politico, mas que não foi o desenvolvimento dos principios dessa politica vencida que moldara a vocação do critico, que lhe prestara os seus melhores incentivos de invectiva, que lhe apparelhara as mais carregadas cores desses esboços epygrammaticos, dessas pinturas do ridiculo da sociedade presente?

O poeta já existia, que esse nasce; mas o satirico fizeram-no as contrariedades e transformações da actualidade; e se não o fizeram de todo, despertaram-lhe e completaram-lhe o genero.

Aquella fantasia era já rica como são ricos os thesouros da imaginação que a natureza talha para subir ás regiões da idealidade: mas não ria, como Aristophanes ria dos vicios e ridiculos da sociedade atheniense: foram depois as prevenções contra uma nova ordem de cousas que lhe armaram o arco, e foi ainda depois a indignação contra as anomalias da época que lhe disparou a setta.

E comtudo, a veia critica do sr. Novaes desata-se sempre amena e jovial nas mais impetuosas e fecundas ejaculações da ironia e motejo. O poeta não aborrece a sociedade em que vive; ri-se della; surprehende-a nas suas pretensões caricatas; zomba dos seus trajos burlescos; aviva os tons, dá relevo ás formas desse eterno ridiculo que por ahi impera nas pessoas e nas cousas, mórmente em determinadas regiões do mundo convencional chamado sociedade elegante. Se a natureza dos retractos, por palhaçal e picaresca, convida antes a malignidade faceta do lapis satirico de Gavarni e Cham, do que o pincel grave de Landseer a dar sóltas a toda a sua inspiração epygrammatica, a culpa está nas physionomias retractadas, que, para não espertarem a gargalhada publica carecem de impetrar a generosidade do pintor, a fim de que elle faça de um *Bazilio*, de um *Harpagon*, de

uma *Philaminta*, de um *Scapin*, um typo perfeito e ideal.

E diga-se a verdade: apesar da concatenação ou derivação ideologica de principios politicos em que pretendemos filiar os instinctos satiricos do poeta portuense, as suas poesias, mesmo aquellas talhadas para o quadro do folhetim jornalístico, jámais tomam o character do pamphleto politico. Aos olhos experientes e perspicases não escapa por certo uma ou outra allusão, disparada a essas individualidades características da época; mas esses mesmos tiros são desfechados tão em pleno dia, tão á luz dos actos publicos que constituem a superficie das sociedades, atravessam tão largo o vacuo das generalidades, que a individualidade ficará ferida, mas nunca a pessoa. É o proprio poeta que o declara n'este gracioso protesto feito n'uma das suas poesias. E neste ponto podemos tomar a sua affirmacão como um verdadeiro specimen do seu genero satirico. Ouçamos-o:

Se, avulso, uma expressão sólto, frisante  
Que só pôde maguar algum tratante,  
De recreio servindo, ou desenfado,  
A todo o homem que timbre em ser honrado,  
Ergue-se uma celeuma insupportavel,  
Contra o vate mordaz e detestavel,  
Que a gente respeitavel não respeita  
É ao furor de escrever tudo sugeita!  
Entram nisto malucos, e homens serios,  
Soltando contra mim, mil vituperios,  
E lançando-me, ao passar, cada olhadura,  
Que até... me faz rir, pela loucura!

E sabes, caro amigo, o que eu decido  
D'este injusto rancor, d'este alarido?  
— Que n'uma insinuação, lançada avulso,  
Eu á classe fui só tomar o pulso.

E effectivamente, o barão, o conselheiro, o regedor de parochia, o eleitor alchymista do voto popular, estas personificações grutescas do systema representativo, e ao mesmo tempo typos do mais visível comico da actualidade, e muitas vezes as molas occultas de toda uma machina de corrupção, são os pacientes obrigados, e as entidades de comparação mais procuradas pelo poeta quando trata de daguerreotypar a sociedade presente em algumas das suas phases da existencia publica ou domiciliar.

No entanto, se o olho do poeta não mira a um alvo constante, se não escolhe de preferencia as suas victimas n'estas ou n'aquellas classes, n'estes ou n'aquelles gremios, é ainda na maneira de apreciar a época em geral, de dar relevo e corpo aos defeitos mais genericos e caracteristicos para depois os verberar, é no modo de expor em grandes quadros as injustiças da fortuna, que mais apresentam no seu cunho indicativo o seculo presente, que as faculdades do seu espirito se manifestam e erguem todo o vôo de uma jovialidade verdadeiramente maligna. O livro de poesias do auctor do *Qui proquo* é a critica galante, mas severa, da sociedade do Porto; e, atravez d'essa sociedade, é a critica de todo o complexo de ridiculos, das ambições e rivalidades lilliputianas ou escarpella de preeminencias microscopicas, dos desabafos de vaidades truanescas d'essas personagens que constituem por ahi a feição typica da vida publica; das pretensões de uma aristocracia de *parvenus*, e dos seus pleitos mais que eternos de competencias imponderaveis; das arrogancias da plutocracia com a velha nobreza, e dos sorrisos



de desdem supercilioso d'esta contemplando os triumphos palhaços d'aquella: das devassidões acobertadas de veludo e rendas que passeiam empavesadas, e se enthronisam entre nós; enfim de todo esse conjuncto de grandes e pequenas miserias produzidas pelo contraste e embate do conflicto de elementos de duas sociedades diversas, uma que expira outra que nasce, sob que se manifesta sempre um seculo de transição. É o que mais é (e mencionamolo em abono do poeta e da generosidade da propria sociedade portuense), é que o sr. Novaes, apesar de ser o Juvenal insistente das feições mais caricaturaveis da physionomia da capital do Minho, é todavia festejado e acolhido com sincera cordialidade no centro d'essa mesma sociedade, onde elle, se por vezes belisca alguns melindres que doem passageiramente, tambem provoca bellos e impagaveis momentos com os sotaques da sua satira, jámais azedada pelo veneno da calúnia, nem enegrecida pela sombra da inveja.

E se não vejamos como elle nos descreve essa sociedade no seu chistoso *Passeio à Foz*. É uma serie de chistosos quadros que formam uma galeria, onde se pode apreciar, palpar até, os variados accidentes, distracções, e passatempos do mundo elegante do Porto. Alguns destes quadros dão-nos a verdadeira expressão da critica de costumes, picante, observadora, epigrammatica, mas sem causticidade. Era assim que o entendia Tolentino.

Mas acompanhemos o poeta até á Foz, a esse sitio predilecto da mocidade portuense, e que para ella resume os encantos de Pedreiros com as commodidades de Cintra.

Da feia insipidez aborrecido,  
Que estende na cidade o seu imperio,  
Quando o fecundo estio, appetecido,  
Lá vai dulcificar outro hemispherio;  
Este povo deixando submergido  
N'um silencio de escuro cemiterio,  
Vesti a casaquinha afiambrada,  
E da *soberba* Foz segui a estrada.

Era domingo, despontava a aurora,  
As seges e carrinhos já voavam,  
Em busca das meninas que a tal hora,  
Já os cabellos seus arripiavam,  
Com o fim de irem gastar a *trole* agora  
Tudo o que a *passo*, outr'ora, os paes ganharam;  
Quando eu da celebrada Miragaya,  
Sósinho me sentei, na amena praia.

Em soberbos cavallos bem montados,  
Vi correrem galhardos cavalleiros,  
Como depois dos banhos acabados  
Seus donos correrão, dias inteiros,  
Atraz dos alugueis, tão bem ganhados,  
P'ra casa dos tafues aventureiros,  
D'alegria devendo ficar cheios  
Recebendo os cavallos e os arreios.  
Em tysics jumentos, abatidos  
Ao peso de pomposas bagatellas,  
Vi damas, com esplendidos vestidos,  
Com lindas fitas brancas, e amarellas,  
E cbailes que eram já meus conhecidos,  
Por me verem passar pelas adellas:

E para ainda ver loucura tanta,  
A caminho me puz p'r'a *Terra Santa*.

Marchei d'alli á praia, onde reunidos,  
Sobre os altos rochedos, espantados,  
Eu vi muitos janotas, conhecidos,  
Entre mil papelões ajanotados;  
Vi outros que, de todo escandecidos,  
Às aguas se lançavam, denodados;  
Vi mais, muitos fidalgos, parvalheiras  
Pasmados para as *ondas bolideiras*.

De luzente verniz justo çapato,  
Que ao mestre, em vez de lucro, deixou magua,  
Calcinhas, e vestidos de aparato,  
Que treme a terra aos vel-os entrar n'agua,  
Ao banho vi correr, estupefacto,  
Madamas, que por casa andam d'anagua;  
Gostei de ver assim tractar o Oceano  
Quem só vai visital-o de anno a anno.

De calça de funil com puxadeiras,  
E lustrosos botins envernizados,  
Pasmado vi sairem das fileiras  
E entrarem para o banho, ate frisados  
Vomitando — *em francez* — mil frioleiras,  
E tanta dor os pobres me excitaram,  
Como os paes, que p'r'aquillo os não crearam.

Rapazes vi, ainda mamotas,  
Na maneira d'andar fazendo ensaios;  
Vi lacaios vestidos de janotas,  
E janotas vestidos de lacaios;  
Ouvi empavesados idiotas  
Fallando que par'ciam papagaios;  
Só quando a arida praia achei vasia  
D'alli me dirigi á hospedaria.

Não apresentamos esta poesia como um modelo de satira, mas como um quadro de costumes em que o pincel se inspira do natural e acerta com muitos dos verdadeiros toques da critica, que só nasce da observação, quando a fantasia abra e amplie o campo ás divagações da analyse.

É dentro destes limites que o poeta portuense deve ser principalmente apreciado; porque o sr. Novaes é, primeiro que tudo, um pintor de costumes, é o Hogart das scenas da vida exterior da capital do Minho. E talvez com as mesmas incorrecções de desenho, com o mesmo desalinho de composição do artista inglez, mas com todo o vigor de traço satyrico de seus quadros e com aquella verdade de sentimento que transpira nas phisionomias dessa espi-rituosa colleção de typos populares da velha Inglaterra.

Assim consideradas, as suas poesias teem um duplicado aspecto que não póde escapar á perspicacia do censor. São uma pintura episodica ou resumo anecdotico da existencia portuense, e ao mesmo tempo a expressão litteraria de um ingenho poetico. Ha pois o pintor e o poeta, ou o observador e o homem de imaginação a discriminar e a analysar no sr. Novaes. A distincção parecerá especiosa a alguém menos reflectido, mas não o é: porque, posto



que os dotes imaginativos não possam jamais ser alheios ao pintor nem até ao proprio observador, ha contudo talentos analyticos em que predominam quasi absolutamente as qualidades da observação e o critico portuense é um destes. Isso percebe-se logo nas tendencias do seu espirito para determinados assumptos, e mais que tudo na natureza do seu estylo litterario. Os seus themas constantes são os passatempos e distracções da sociedade descuidosa que o rodeia; e a sua indignação jámais rebenta nas explosões da invectiva, que não seja contra os typos mais salientes do mundo positivo. Retratar é descrever resumem a fórmula absoluta das suas idéas. A narração é a phase a que propende e em que se revela o seu engenho, e aquella para que o levam irresistivelmente as instinctivas evoluções do seu estylo. Nunca observa que não seja descrevendo, ou, para melhor dizer, estas duas manifestações do talento analytico, combinam-se e quasi se produzem identificadas nas suas poesias. E é por isso que, ainda elevando os seus vãos satiricos, jámais perde de alcance os objectos palpaveis do mundo conhecido. É como se fôra o viajante, que, costa a costa, vai navegando comprazendo-se em copiar o aspecto selvagem das penedias que as ondas repellem, ou as variadas perspectivas de uma praia conhecida, sem que nunca se afaste da vista de terra e se entregue ás incertezas grandiosas e solemnes do mar alto, onde o homem, entre as vagas e o firmamento e a sós com Deus e as cogitações de seu espirito, se eleva na contemplação da sublimidade tremenda da tempestade ou se entrega ao remanso da natureza adormecida.

Insistindo ainda no simile da pintura com as disposições do talento poetico do satirico portuense, pelos pontos de analogia que induzem facilmente a uma demonstração cabal, pôde-se dizer que o sr. Novaes pertence a essa escola de pintores de *genero* cujo fim é a imitação litteral da realidade. Absorvido na analyse minuciosa dos objectos que despertam os tiros da sua ironia sarcastica, e quasi que arrasado pela satisfação intima de os flagellar em toda a força do ridiculo de predicados e circumstancias que os revestem, intende que em expol-os aos apupos das turbas em toda a deformidade das suas feições, em daguerreotypal-os com toda a verdade dos promenores, está a verdadeira e completa vingança que a intelligencia e a razão publica devem tomar dos que mais offendem as suas leis pelos pruridos de uma vaidade caricata ou pelas arrogancias de uma importancia que ninguem acata.

Não nos parece todavia que este systema leve a resultados puramente litterarios.

Mas será a carencia dos dotes da fantasia que leve o poeta do Douro a não interpretar mais livremente os seus modelos e a copiar-lhes todos os gestos e ademanes, todos os ridiculos de trage e de character? Somos os primeiros a afirmar que não. A *imaginação de forma* (permitta-se-nos a phrase), a faculdade que basta estimulada pela singularidade dos objectos externos para variar os aspectos e os revolver em faces infinitas, essa possue-a o sr. Novaes em ponto elevado.

Os reparos que fazemos nascem porém de outros principios. Desçamos á analyse delles.

(Continúa)

ANDRADE FERREIRA.

## ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

### IX

(Continuação.)

Suppondo que haja nestes phenomenos a intervenção real dos espiritos; o que fez essa civilização que combatendo a crença em Deus, com personalidade, existencia e attributos proprios, negando uma a uma todas as verdades da revelação, trouxe os homens pelos caminhos do atheismo disfarçado, e pela impiedade manifesta a trocaram a fé catholica pelas superstições pagãs, e os oraculos de Epheso, Delphos, e de Bandim? É a civilização dos papeis, reconhecida em seus effectos.

Teremos de ver ainda legalisados, como vimos nas antigas nações idolatras, como vimos em Bissáu, os sacrificios humanos? Os casos numerosos de suicidio, de homicidio e de duello, de que os Estados Unidos, a Suissa, e a Inglaterra estão sendo o theatro, resultado das revelações do passado, e do futuro, feitas por essas mezas, não poderão considerar-se um preludio da renovação dessas praticas horriveis, desses combates de gladiadores em honra dos deuses? Alguns desses suicidios, e os casos de loucura por effecto da desesperação dos reclamantes, são de um terrivel presagio, e mostram mais uma feição de similitude com os habitantes desta parte da Senegambia.

E suppondo ainda, com os que «sustentam a opinião de que os principios reconhecidos da phisica e da methaphisica permittirão aos investigadores scientificos dar-se conta de todos os factos de uma maneira satisfactoria e razoavel;» e que portanto nem haja na producção destes phenomenos uma especulação torpe, nem uma causa infernal; se uma tal suposição fosse possivel, quem não teria direito para perguntar a essa civilização inconsequente e contradictoria, como é que podia combinar a soberania absoluta da razão humana, o seu attributo de universal comprehensão, com o facto de reconhecer n'um pedaço de madeira o pleno conhecimento dos acontecimentos passados por mais escondidos que estivessem e a clara intelligencia dos futuros acontecimentos, que essa razão do homem, emanação e particula de Deus (como lhe chamam), não poderá nunca chegar a possuir? E ainda assim considerados esses phenomenos, devemos ver nos papeis os seus primeiros mestres.

Se me perguntarem o que penso das mezas girantes e fallantes, sem querer de modo algum excluir a intervenção de um máu principio, nem que seja uma solução satisfactoria a minha resposta; direi que as ponho na mesma linha da cuia dos sacerdotes do Hirão — uma impostura, um jogo de mãos ao menos em mui grande parte; e dou a preferencia neste jogo aos negros do meu conhecimento porque pelo menos tem por si a antiguidade, o logar da scena, a especie dos expectadores e a natureza do culto. E confirma-me nesta opinião o seguinte facto, que teve logar em Genebra, cidade da Suissa, e capital do Calvinismo donde lhe veio o nome de *Roma Calvinista*.

Era o dia 15 de janeiro de 1854, n'uma casa situada na praça do Port n.º 167, onde Mr. Mestral occupava um quarto no terceiro andar. Este apostolo da civilização moderna, descontente das religiões porque em todas via extorvos mais ou menos poderosos á marcha magestosa da civilização, conjunctamente com seu cunhado mr. Bort, ministro da



igreja nacional protestante de Genebra, e o genro deste mr. Bret, lembrou-se de dar principio á publicação d'uma nova religião que tinha sido revelada ao ministro por meio d'uma meza *sábia*, e convidou nesse dia alguns amigos mais intimos d'ambos os sexos e de todas as idades acima da adulta para assistirem á publicação, e darem della testemunho.

Toda esta gente senta-se em rodo d'uma jardineira que está no meio da salla, sobre a qual está posta uma mezinha de costura, tambem redonda; e ambas seguras por uma hastea movel de metal que atravessa ambas, e que é rematada por um eixo. Sobre a mezinha estão pintadas em circumferencia as letras do alphabeto; e parte do pé uma outra hastea fixa, que em cima se dobra de maneira a apresentar uma ponta sóbre as letras. Tal é a collocção da assemblea, tal é a descripção do *apparelho revelatorio*, que vai servir para a publicação da nova religião, que do seu apostolo se domina *Bortismo*, que se lê nas *Revelações divinas e mysteriosas, ou communicações entre o Ceo e a terra, pelo meio d'uma meza*, obra publicada pelo proprio mr. Bort, e ditada pela sua meza (4).

Começa a sessão: tres *influentes* seguram a meza, collocando as mãos, como os *feiticeiros* de Bissau, e mr. Bort está no meio delles como actor principal; depois de alguns minutos começa meza a girar de modo que as letras vem parar debaixo do ponteiro; com estas letras fazem-se frases, e com estas manifestam-se as revelações divinas: se se trata simplesmente de um *sim* ou um *não*, a meza inclina-se no 1.º caso, e no 2.º bate uma pancada; mr. Bort está já tão costumado com este modo de *dialogar*, que uma ou duas letras lhe bastam para completar a palavra e decifrar o pensamento da meza sem que esta tenha de fazer innumeraveis voltas. Assim conseguiu elle por este processo simplificar tanto os seus meios de communicação com o Ceo, que no principio eram mais longos e custosos, segundo teve a bondade de nos informar.

Nos primeiros tempos, a meza respondia ás perguntas que lhe faziam os tres bemaventurados membros da familia Bort, batendo á medida que se lhe nomeava uma letra do alphabeto, operação que gastava muito tempo, e que cansava a voz e a paciencia dos interrogadores: depois adoptou-se a machina ou apparelho que fica descripto, e como assim mesmo se perdia um tempo muito precioso, inventou o apostolo o expediente de suprir com a sua elevada intelligencia as fastidiosas delongas do giro.

Aqui, como em Bissau, as rotações da cuia e da meza explicam-se com facilidade porque a analogia é muito grande; e comtudo não é só ahí que eu vejo a impostura e a velhacaria. O leitor hade lembrar-se da propheta, e não póde ignorar que aquelles máos versos são obra minha, porque a habilidade do maioral do collegio dos *feiticeiros* não chegava a fazelos mesmo assim máos; pois não obstante elles serem versos unicamente por benevolencia do leitor, são muito melhores, permittam-me quetenha esse orgulho, do que a prosa do deus revelador de mr. Bort; e o pensamento desta prosa não differe muito do pensamento da adivinhação do *Hirão-papel*. É o que se verá pela seguinte amostra, escrupulosamente vertida do livro das *revelações*:

«Genebra! cidade abençoada que foste desde a tua infancia deitada sobre os braços do teu Deus,

(4) Tom. 1.º, de 15 de Outubro de 1853 a 13 de Novembro de 1854: Genebra.

chama tuas aguas e teus risonhos campos, para abençoar o dia do Eterno!

«Um Deus fez sentinella sobre teus baluartes, e teus filhos escreveram com seu sangue sobre teus muros: «a liberdade e o amor de Deus e de sua patria». Genebra! levanta-te! . . . a pé! . . . sóbe sobre os cadaveres de teus inimigos... e proclama segunda vez a liberdade de teu Deus! Genebra, tu tens ainda baluartes... não temas! porque esses baluartes são o Eterno teu Deus, o Eterno dos exercitos, o Deus dos combates, o senhor das batalhas...»

Que differença notavel se acha entre a linguagem prophetica do deus dos Bortistas, e a do deus dos papeis? Eu por mim a que acho é para melhor no segundo. E não se cuide que esta religião revelada por uma mesa seja cousa insignificante; ella faz proselytos entre os calvinistas e os da religião nacional, como o provam as disputas dos ministros e sectarios das tres seitas uns com outros. E n'esta parte ainda o fetichismo é mais civilizador e civilisado que o bortismo.

E tenho concluido esta digressão, que não é sem interesse, mas que não é filha como a antecedente de considerações que ao tempo me surgissem no espirito, pela razão muito simples de que então nem ao menos sabia que depois de quasi dous mil annos da vinda do Messias recuariam os homens em nome do *progresso* até aos tempos da ignorancia e da devassidão como os que deram origem á idolatria; e que em nome da *civilisação* nos quizessem arrojara para os tempos em que o genero humano era victima d'um punhado d'egoistas, que se julgavam d'uma ordem superior á do resto dos homens. Não; estas reflexões, boas ou más, importunas ou opportunas suggerio-mas as feições de similhaça que achei entre as praticas actuaes de nações que se dizem christans, e illustradas e civilisadas, e as de tribus, pagans, estupidas e barbaras.

Agora é tempo de voltarmos a Oudotó, de que ha muito que não fallamos, e que os meus apontamentos chamam á scena.

O meu interlocutor continuou a sua narração assim:

—O que fez elle durante esse tempo? que successos o demoraram até tão tarde? Viu-se que ao sair da cabana alguma cousa de sinistro se lhe revolvia na imaginação; era facil de perceber-o no meio mesmo do ardor febril com que dispunha o necessario para a sua partida, nas variações de cor que subitamente appareciam em seu rosto, que umas vezes parecia cor de terra, outras vezes d'um amarello pardo; percebia-se mesmo no fogo que saía de seus olhos quando tomava e limpava o seu machete, e enfeixava as suas asagaias, e no riso feroz que lhe fendia a boca quando estava enrollando em torno da cintura uma comprida corda que comprara a bordo d'um navio americano havia poucos dias.

O grumete fizera-lhe constar, por a muita amisade que lhe consagrava, que tomasse as suas precauções, que seria até melhor talvez que não partisse, porque Pimping tencionava aproveitar-se da sua ausencia para roubar-lhe o filhinho logo depois que nascesse; que com esse intuito saira elle na vespera para o paiz d'Antula a entender-se com seus balantas que ali se achavam para o commercio do sal, e que recolheria de noute; que comtudo a elle Valerio parecia-lhe melhor que Oudotó procurasse o methodista inglez, e procurasse apasigual-o promettendo-lhe um maior resgate; e no caso de não o convencer que reclamasse a protecção do governador de Bissau.



Era em consequencia d'este aviso e conselho tão desinteressado que Oudotó formara o seu plano consultando para isso duas ou tres vezes o seu garrafão d'agua ardente, no qual não só achára conselho, mas tambem coragem, o que mostra que planeára alguma cousa de bem máu, pois já eu disse que o papel nunca soube o que era medo, nunca ninguem o viu fugir dos perigos fossem elles quaes fossem.

Caminhava Oudotó para o lado de Bissáu, quando Kiangi tomava o caminho de Bandim. Trevas espessas encubriam os passos de ambos; e quando mais tarde a lua veio illuminar a scena magica do bosque outra scena egualmente horrivel allumiava ella na alameda em frente da Praça.

Oudotó entrou na povoação dos grumetes, seguiu pelas tortuosas veredas que se chamavam ruas, e cubrindo-se quanto podia com a sombra das casas chegou até á contra-escarpa da fortaleza, e ali deitou-se de costas por terra deixando-se escorregar para o supposto fosso, que lhe offereceu um seguro escondrijo nos milhos que estavam semeados, e já embandeirados, e ao mesmo tempo nos feijões que trepando pelas canas e abraçando-se ás largas folhas occupavam com a sua propria folhagem o espaço que mediava entre cada pé. Assim encuberto ganhou a parte do sul da praça e costeando a muralha por este lado, trepou-se ao poilão da onça, e foi d'ali ganhar a muralha de L. caminhando umas vezes a quatro pés, e outras rojando sobre o ventre como faz o animal de que o poilão d'este baluarte recebeu o nome, por ser o seu transitio habitual.

Chegando ali, que é baluarte do lado direito do portão para quem olha para elle, amarrou ao fuste d'uma peça uma das pontas da corda que trasia enrolada, e saltou abaixo, tal como faria a onça; a corda servia para o deixar suspenso n'uma certa altura da qual naturalmente desceria a terra, tanto porque, sendo n'este sitio bastante alta a muralha não tinha que temer das consequencias d'um salto mais calculado, como porque era necessario não causar desconfiança ás sentinellas, que tomando a sua sombra pela da onça facilmente se desenganariam sentindo o estrondo que elle faria caindo no chão, pois que não se sente quasi a queda da onça no terreno. Chegando a essa altura, desatou a ultima ponta que ainda lhe fasia tres voltas á roda da cintura, e tocou com os pés no chão, onde poz immediatamente as mãos, e assim foi correndo até uma das arvores da alameda, pela qual trepou com a velocidade d'um gato.

(Continua.)

SOUSA MONTEIRO.

### HEMICYCLO COBERTO.

Continuando as excavações das duas cidades soterradas pelas lavas do Vesuvio nas tremendas erupções dos primeiros seculos da era christã, vão-se descobrindo novos monumentos, objectos artisticos e outros, que prestam grande auxilio á archeologia e á historia, e não menos ás sciencias. Herculanium e Pompeia desentulhadas com precaução e esmero, conservando-se ruas inteiras, edificios, sahem do meio das cinzas e appresentam o simulachro perfeito das construcções e modo de viver n'uma civilisação remota.

De Pompeia, denominada hoje a cidade dos mortos teremos occasião de fallar, talvez já no proximo numero. E por isso limitamo-nos a dizer agora que nas

excavações do anno passado completou-se o desentulho do semi-cyclo coberto, novo specimen da antiga architettura romana, n'uma disposição e estado de conservação como as thermas ou banhos, conhecidos desde 1824.



As *Antiquidades de Herculanium*, collecção volumosa e cara, e outras obras ricas sobre o assumpto, são de custosa aquisição; porem, no anno passado, Mr. Breton, conhecido por uteis e laboriosos trabalhos, fez um serviço aos que cultivam este genero de estudos, publicando um livro que se obtem por dez francos, menos de dois mil reis qualquer que seja o cambio: intitula-se *Pompeia descripta e desenhada por Ernesto Breton*, da sociedade imperial dos antiquarios de França, seguida de uma noticia acerca de Herculanium. Pariz 1855. 1 vol. 8.º com 160 gravuras e uma planta geral. Já é segunda edição, tendo-se esgotado a primeira em poucos mezes.

M

Os tribunos do povo, que querem dar-lhe grande quantidade de liberdade, pervertendo-lhe a moral, não fazem mais, que forjar-lhe as cadêas da escravidão.

M. CARVALHO — APHCRISMOS.

### AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou « por carta franca » dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.